

## DISCURSOS DA GLOBALIZAÇÃO NAS VOZES DE PROFESSORES E PROFESSORAS DE LÍNGUA INGLESA

VANDERLEI J. ZACCHI\*  
Faculdades Campo Real

### RESUMO

Em entrevistas realizadas com professores e professoras de inglês de duas escolas municipais de Belo Horizonte, MG, constatou-se que eles são amplamente influenciados pelos variados e conflitantes discursos sobre globalização e o inglês no mundo. Como resultado, pode-se perceber em suas falas uma série de conflitos, contradições e dilemas. A análise das entrevistas foi efetuada de acordo com os conceitos de discurso hegemônico e contra-hegemônico, definidos a partir das teorias de Antonio Gramsci e Mikhail Bakhtin.

**Palavras-chave:** Ensino de língua inglesa; globalização; hegemonia.

### ABSTRACT

Interviews with English teachers of Belo Horizonte's local public schools revealed that they are largely influenced by the varied and conflicting discourses on globalisation and English in the world. Consequently a number of contradictions in their speeches were noticed, which are also the concrete expression of their dilemmas. The analysis of the interviews was carried out according to the concepts of hegemonic and counter-hegemonic discourse, defined within the theoretical frameworks of Antonio Gramsci and Mikhail Bakhtin.

**Key-words:** ELT; globalisation; hegemony.

### INTRODUÇÃO

O intenso debate sobre a globalização e suas conseqüências nos dias atuais tem sido marcado por uma série de opiniões divergentes<sup>1</sup>. Se, por um lado, ela pode ser vista como neutra e benéfica, por outro, há quem defenda uma globalização mais democrática, em que as relações entre os países sejam igualitárias. Para muitos teóricos, ela é conduzida de forma unilateral e carrega consigo valores de uma cultura eminentemente ocidental, o que pode acontecer em detrimento de outras culturas, em especial as de países periféricos. E há também aqueles que defendem a manutenção da (ou a volta à) nação e suas rígidas fronteiras, tanto físicas quanto culturais e políticas: o global em oposição ao local. O que parece ser uma constante nessas discussões é a importância do papel desempenhado pelo inglês. É

---

\* Doutorando em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela USP.

<sup>1</sup> Para uma bibliografia mais aprofundada sobre as diversas abordagens a respeito de globalização, ver: Brecher et al. (2000); Giddens (2000); Hobsbawm (2000); Ianni (1997); Jameson e Myioshi (1998); Ortiz (1994); Santos (2001).

raro dissociar globalização de expansão da língua inglesa, ainda que as abordagens a esse respeito sejam igualmente divergentes. Essa diversidade de abordagens e opiniões tem como resultado discursos não só contrastantes, mas conflitantes, que exercem uma grande influência sobre professores e professoras de língua inglesa.

Pode-se colocar, para os fins a que este trabalho se propõe, os discursos em duas categorias distintas: hegemônicos e contra-hegemônicos. Para essas definições, levou-se em consideração o conceito de hegemonia de Antonio Gramsci, que pode ser pensado como a relação entre grupos sociais, em que um exerce hegemonia sobre os outros, seja pela coerção do Estado dirigente, seja pelo consentimento da sociedade civil à liderança imposta pelas classes dominantes. Segundo Gramsci,

podem-se fixar dois grandes “planos” superestruturais: o que pode ser chamado de “sociedade civil” (isto é, o conjunto de organismos designados vulgarmente como “privados”) e o da “sociedade política ou Estado”, planos que correspondem, respectivamente, à função de “hegemonia” que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de “domínio direto” ou de comando, que se expressa no Estado e no governo “jurídico”. (2000, p. 20-21)

A sociedade civil – o conjunto das relações éticas e conflituosas, que engloba também as instituições e o sistema de cultura – “torna-se o *portador material* da função social da hegemonia” (Coutinho, 1999, p. 69). Uma dessas instituições, a educação, “tanto pode funcionar como instrumento de dissimulação a serviço da classe dominante, como também pode revelar à classe dominada as contradições existentes, permitindo-lhe reagir a todas elas e tentar a contra-hegemonia” (Tavares de Jesus, 1985, p. 66). Dessa forma, tanto a hegemonia quanto a contra-hegemonia mantêm uma relação dialética de manutenção ou modificação das relações de poder, dependendo da situação histórica. Essa relação exige que o grupo dominante se empenhe constantemente em negociações com forças e valores opostos se quiser ganhar o consentimento à ordem social que está promovendo.

A noção de hegemonia de Gramsci torna possível a transformação social e enfatiza as resistências que a ideologia dominante deve superar, mas que não pode eliminar totalmente, para se manter no poder.

A visão gramsciana de hegemonia não é a de uma formação social estática, mas é vista, na verdade, como uma estrutura perfurada por “lacunas” – posições mais progressivas dentro da própria hegemonia – que permitem ação e resistência humana positiva dentro daquela hegemonia. (Busnardo e Braga, 2000, p. 15)<sup>2</sup>

Levaram-se em consideração também as discussões do pensador russo Mikhail Bakhtin (1988) acerca da natureza da linguagem e do discurso. Bakhtin, preocupado em resistir à imposição de uma ideologia vinda de cima, opunha-se a uma língua única ou padronizada, já que ela não poderia existir naturalmente, mas como resultado de forças culturais opressivas. Essas forças unificadoras, que Bakhtin chama de centrípetas, buscam erradicar

---

<sup>2</sup> A tradução dos textos originalmente em inglês, incluindo os do Anexo, é de minha própria autoria.

a diversidade ao suprimir ou marginalizar outras forças culturais e lingüísticas, que, por sua vez, lutam contra essa tentativa de forjar a unidade e que Bakhtin chama de centrífugas.

Discursos hegemônicos são, portanto, aqueles usados para legitimar uma ideologia dominante e sustentar relações desiguais de poder. Por meio da linguagem, esses discursos geram um senso comum em torno de situações estabelecidas, favoráveis à manutenção de um poder dominante e/ou hegemônico. Discursos contra-hegemônicos – ou contra-discursos –, por outro lado, podem ser usados como forma de resistência à ideologia dominante e para a transformação das relações de poder. Essas definições se aproximam do que Cox e Assis-Peterson (1999) chamam de discursos que integram (*integrative*) e discursos que fortalecem (*empowering*), respectivamente. “O confronto está marcado por relações desiguais de poder entre um discurso hegemônico e um contra-discurso emergente” (p. 446). Entre as características do discurso hegemônico está a crença na neutralidade do inglês e de que o ensino de língua inglesa está livre de conotações políticas. O aprendizado da língua dá acesso a bens culturais e materiais ao redor do planeta. O contra-discurso questiona essa neutralidade e coloca a aprendizagem do inglês como um ato essencialmente político.

Pennycook (1994) afirma que os discursos hegemônicos em torno do inglês como língua internacional não apenas concebem sua disseminação como neutra, mas também como natural e benéfica, além de defenderem o ensino da língua separadamente de seus contextos sociais e políticos. Argumentando a favor de uma pedagogia crítica, Pennycook considera que o ensino de inglês não deve vir dissociado de seus inúmeros contextos. A exemplo de Phillipson (1992), ele vê na sala de aula de língua inglesa um local propício à formulação de contra-discursos que podem colaborar para a mudança da ordem vigente.

Mais alinhado com o discurso hegemônico, Crystal (1998) refere-se ao inglês antes como um instrumento utilitário. É essa língua que pode garantir aos falantes ter acesso ao mundo exterior e estar em contato com o que há de mais atual em termos de pesquisa e idéias, em detrimento de qualquer outra língua. Apesar de reconhecer que, “[s]em uma base de poder forte, [...] nenhuma língua pode fazer progresso como um meio internacional de comunicação” (p. 5), Crystal tenta abordar a questão do inglês no mundo, de forma neutra e objetiva, sem tomar partido político. No entanto, a própria neutralidade já indica a tomada de uma posição política, conforme observa Phillipson (1999, p. 266). E, ainda que relacione a expansão de uma língua com o poder do país que a promove, Crystal tende a considerar que a atual posição privilegiada do inglês no mundo se deu de forma natural, pois “estava no lugar certo, na hora certa” (1998, p. 8).

Não se procurou simplesmente estabelecer uma relação dicotômica e redutiva entre esses dois tipos de discurso, pois eles estão em permanente conflito e fazem parte de uma complexa rede de relações de poder. Por isso, é necessário enfatizar o caráter de diversidade e contradição dos diversos pontos de vista no processo da interação social. As vozes, nesse caso, não representam simplesmente espaços enunciativos em oposição, mas são marcadas, a todo momento, por elementos de ambos os tipos de discurso, ainda que não na mesma proporção. Da mesma forma, pode-se dizer que os próprios discursos são contraditórios em si mesmos, não sendo possível classificá-los como puramente hegemônicos ou contra-

hegemônicos. Esse espaço dialógico e contraditório entre ambos os tipos de enunciado, e no qual eles interagem, é então caracterizado pela interdiscursividade, que é resultado também do caráter dinâmico e inconcluso do discurso, uma vez que os sujeitos estão constantemente expostos a diversas outras vozes, ora hegemônicas, ora contra-hegemônicas.

Os professores e professoras de língua inglesa convivem, hoje, com uma quantidade tão abrangente de discursos e metodologias que se torna muitas vezes difícil tomar uma posição coerente e, conseqüentemente, conciliar teoria e prática. São discursos que estão presentes no seu cotidiano pessoal e profissional: nos meios de comunicação, nos livros didáticos, em textos teóricos e mesmo nas propostas curriculares. Como resultado, esses professores e professoras acabam oscilando entre posições divergentes: ora reproduzem os discursos hegemônicos, ora se contrapõem a eles. Mesmo nos casos em que há a internalização do discurso hegemônico, eles se dão conta de que existem aí espaços para ação e transformação. Entretanto, na tentativa de utilização desses espaços, deparam-se com situações de contradição e dilema, que podem ser colocadas como o efeito das diversas vozes, em geral conflitivas, às quais estão expostos e que caracterizam a interdiscursividade. Nesse aspecto, é possível traçar um paralelo com a pesquisa realizada por Grigoletto (2001) com alunos(as) futuros(as) professores(as) de inglês. A autora chama a atenção para a heterogeneidade de vozes que compõem o discurso desses(as) estudantes e as concepções conflitantes apresentadas por eles(as) em relação à aprendizagem de línguas, “o que pode ser interpretado como um possível reflexo do discurso dos professores e de suas concepções sobre o ensino” (p. 144).

A interação e o conflito entre os diversos discursos remetem ao conceito de “heteroglossia”, de Bakhtin (1988), que contempla o movimento contínuo da língua, de forma a não se efetuar a hegemonia de uma linguagem única. De acordo com Machado (1995, p. 41), como mistura de diferentes grupos de linguagens, culturas e classes, a heteroglossia “só existe onde houver diferentes pontos de visão ou diferentes sistemas em interação. Por exemplo, autor/personagem; eu/outro; monólogo/diálogo; cânone/carnavalidade; oralidade/escritura”. Para Bakhtin, conforme aponta a mesma autora (p. 36), a percepção única é relativa, já que entre a mente e o objeto há uma diversidade de focalizações. E, ainda que a percepção seja ativada de um único foco, podem incidir, sobre um objeto ou evento, espectros variados de perspectivas, criando uma focalização múltipla e simultânea.

## **VOZES CONFLITANTES NAS FALAS DE PROFESSORES E PROFESSORAS**

O presente trabalho foi extraído de minha dissertação de mestrado (Zacchi, 2003) em Linguística Aplicada pela Unicamp. Para realizá-la, entrevistei, no primeiro semestre de 2002, cinco professoras e três professores de língua inglesa que atuam no Ensino Médio e Fundamental em duas escolas municipais de Belo Horizonte, Minas Gerais, sendo uma no centro e outra na periferia da cidade. São professores e professoras com diferentes faixas etárias e com graduação em Letras pela UFMG ou PUC-MG. O tempo de docência em

inglês de cada professor(a) varia de cinco (Fernando) a 36 anos (Rosana)<sup>3</sup> na época da entrevista. Foi feito uso de pesquisa de natureza qualitativa e entrevistas de tipo semi-estruturado. Numa primeira etapa, os professores e professoras responderam a um questionário sucinto com informações pessoais e profissionais. As entrevistas foram efetuadas posteriormente, com duração de aproximadamente uma hora cada, e gravadas em fita cassete.

As perguntas aplicadas foram baseadas em três fragmentos de textos em português (*vide* Anexo) que abordam temas como a globalização, a questão do inglês no mundo e ensino de língua inglesa. As entrevistas foram divididas em três seções, cada uma correspondendo a um fragmento. A seleção dos textos contempla uma amostragem variada de pontos de vista e conseqüentemente de discursos hegemônicos e contra-hegemônicos. O texto 1, dos PCNs (Brasil, 1998), foi classificado como contra-hegemônico e o texto 3, do Conselho Britânico (*apud* Phillipson, 1992), como acentuadamente hegemônico. Por uma questão de brevidade própria de um artigo desta natureza e pela temática abordada, a análise que será feita a seguir cobre apenas a discussão realizada após a leitura do seguinte fragmento (texto 2 do Anexo):

[...] pessoas do mundo todo, em diversas ocupações, passaram a depender do inglês para seu bem-estar. Essa língua tem penetrado profundamente nas áreas internacionais da vida política, dos negócios, segurança, comunicação, entretenimento, mídia e educação. A conveniência de se ter uma língua franca disponível para servir as relações e as necessidades humanas passou a ser apreciada por milhões [de pessoas]. (Crystal, 1998, p. 24-25)

Esse texto apresenta um discurso predominantemente hegemônico. Em primeiro lugar, há a noção, ainda que pouco desenvolvida, de que saber inglês é sinônimo de bem-estar. Em segundo lugar, o inglês é colocado como o idioma das relações internacionais nos mais variados campos, o que implica a idéia de que outros idiomas não têm condições de exercer essas funções. Como aponta Phillipson (1992, p. 281), “Os rótulos atualmente usados no discurso político e acadêmico para descrever o inglês são quase que invariavelmente atribuições positivas. Por implicação, outras línguas carecem dessas propriedades ou são inferiores”. Por fim, é tomado como certo que uma língua franca, nesse caso, o inglês, é necessária e conveniente para as relações humanas, sendo por isso amplamente apreciada. A língua inglesa é apresentada como um instrumento de comunicação, uma língua útil que pode servir a propósitos específicos em escala internacional, abrangendo áreas bastante diversas. Com isso, ela não seria utilizada na transformação do *status quo* – que se caracterizaria como uma prática contra-hegemônica –, mas como simples instrumento de acesso a uma multiplicidade de bens em todos os cantos do mundo.

Quando se fala das diversas vozes a que os professores e professoras estão expostos, é preciso levar em consideração também aquelas que certamente os influenciaram no momento da entrevista. Além das que já estão presentes no seu dia-a-dia, há ainda, nesse

---

<sup>3</sup> Os nomes são fictícios. Para informações mais detalhadas sobre os professores e professoras entrevistados, consultar Zacchi (2003, p. 143-145), de acordo com a seguinte nomenclatura: Sônia: P1; César: P2; Fernando: P3; Hélio: P4; Rosana: P5; Solange: P7; Eliane: P8.

caso específico, as vozes dos textos que lhes foram apresentados e, principalmente, a do entrevistador que, em muitos momentos, pode ter sido determinante para o rumo tomado pela discussão. Pode-se perceber, na análise a seguir, que há basicamente um conflito entre a voz do texto lido pelos entrevistados – com características mais hegemônicas, como apontado no parágrafo anterior – e a do entrevistador – que tende a elaborar um discurso mais contra-hegemônico. Presume-se, portanto, que as contradições detectadas nas falas dos professores e professoras sejam também decorrentes desse conflito no momento da interação.

A discussão que se segue à leitura do texto acima gira em torno dos conceitos de globalização e língua franca internacional, já que o texto trata de relações internacionais no mundo atual. Além da própria opinião dos entrevistados a respeito da globalização em si, outro ponto fundamental abordado foi a relação existente entre globalização e a posição do inglês no mundo. Para alguns, a relação é clara:<sup>4</sup>

### Segmento 1

E – Agora, uma pergunta que / de certa forma você já respondeu, / que vantagens, né, você vê em ter uma língua franca para a comunicação internacional?

SÔNIA – É uma (?) de entendimento dos governantes, dos povos. // Mais desenvolvimento do mundo.

E – // Agora, você, lendo esse texto, faz uma relação entre o que diz aí e / o processo de globalização?

SÔNIA – // Isso aqui, sim, porque isso é o próprio processo de globalização. O mundo todo se entendendo, né, politicamente, nos negócios, na comunicação, entretenimento, isso é o próprio processo de globalização. Você abre aqui a internet, pesquisa biblioteca, Universidade de Cambridge, em Londres, isso é a própria globalização. Em todos os sentidos, / o inglês, usado em todos esses campos, né, político, de negócios, segurança, comunicação, entretenimento, é a própria globalização.

O que predomina nessa fala é a noção do inglês como um poderoso meio de comunicação internacional. É através dessa língua que se dá o processo de globalização e que se tem acesso a um grande número de bens, nas mais diversas áreas ao redor do mundo. É ela também que pode proporcionar o “entendimento” entre os povos, “integrando” as nações em negociações políticas e comerciais. Na seqüência a essa fala, a entrevistada afirma que acha a globalização “fantástica”, mas que “ouve dizer” que ela massacrou “um pouco” os países “subdesenvolvidos” e serve como instrumento de dominação sobre esses países. Dessa forma, contrastando com o conteúdo do segmento 1, Sônia vê também aspectos negativos na globalização, embora não esteja segura disso. Para ela, o inglês não é a língua

---

<sup>4</sup> Convenções para a transcrição das entrevistas

E – Entrevistador

(?) – incompreensível

/ – pausa breve

// – pausa longa

“natural” da globalização, mas uma imposição de países dominadores como os Estados Unidos. Apesar disso, ela afirma não ver aspectos negativos na disseminação do inglês, seja ela natural ou imposta, pois acredita que o aprendizado de uma língua “universal” é sempre positivo.

Por outro lado, Sônia admite que a disseminação do inglês pelo mundo se deve mais a circunstâncias externas do que à própria estrutura da língua. Mesmo assim, a entrevistada não vê motivos para se abordarem esses assuntos em sala de aula:

## **Segmento 2**

E – E aí, essas circunstâncias externas, / que não são as lingüísticas evidentemente, o que você relaciona como essas circunstâncias?

SÔNIA – [...] o próprio poderio americano, o domínio americano no mundo, a imposição do americano, nós temos o FMI aí, mandando no Brasil, [...] é a política, a negociação, o próprio entretenimento, sim, né. Porque muita coisa, computador, joguinho, muita coisa em inglês, né. / Acho que mais é fatores externos, mais do que o lingüístico, são fatores externos.

E – E isso, de certa forma, não está implícito quando se ensina inglês? O ensino e aprendizagem de inglês já não implica também o conhecimento desses fatores?

SÔNIA – Olha, / poderia, sim. Mas a metodologia nossa, / nós não batemos muito nesse ponto, não. Acho que deveria ser batido, mas eu acho que isso não atinge muito os nossos alunos. Eu acho que seria um pouco perda de tempo você querer conscientizar os alunos, sabe, desses fatores externos, desse porquê. Então você conscientiza muito superficialmente da importância externa, sim, mas não / o inglês ser uma língua imposta, por questões /, não. A gente vai mais para atingi-los, só no que vai atingi-los pessoalmente. Por exemplo, no bem-estar, no nível de vida, porque assim eu acho que a gente (?) um pouco melhor. Estender muito, eu acho que, para o nosso tipo de aluno, não dá não.

E – Você acha que é perda de tempo porque não tem resultados?

SÔNIA – Não, não. Eles não vão entender, eles não vão se interessar. Aí se você pega no ponto pessoal, aí você atinge um pouco, como nós pegamos.

Pode-se perceber na fala de Sônia como um todo um discurso predominantemente hegemônico, principalmente o do inglês para a comunicação, não tanto para as relações pessoais, mas internacionais: o inglês surge como um instrumento que dá acesso a múltiplos bens e pode promover o desenvolvimento mundial e a integração entre as nações. Por isso a idéia da conveniência de uma língua franca internacional. Além disso, a globalização é vista como algo extremamente benéfico e que pode trazer inúmeras vantagens em âmbito mundial. Nesse caso, globalização e a expansão do inglês estão intimamente ligadas e aparecem como aspectos positivos do mundo contemporâneo, ainda que ela admita que estejam diretamente relacionadas com a dominação de países hegemônicos, especialmente os Estados Unidos. Percebe-se nessa afirmação, ainda que bastante moderado, um discurso de resistência, que Sônia, no entanto, tende a “esquecer” quando afirma que a globalização é “fantástica” e que não vê características negativas na disseminação do inglês. E

principalmente quando afirma que não há necessidade de se abordar, em sala de aula, questões que não estejam diretamente relacionadas com o ensino de língua inglesa em si. Dessa forma, há contradições na fala da professora que não permitem classificar seu discurso de puramente hegemônico, ainda que predominantemente o seja.

Essas contradições apontam para dilemas que se manifestam concretamente na fala da entrevistada e indicam um vasto espaço de interdiscursividade conflituosa. Assim, no segmento 2, Sônia se coloca entre uma posição ideológica de abordar em sala de aula a imposição norte-americana e uma atitude utilitarista de tratar de questões práticas que, para ela, fazem mais sentido para o cotidiano dos alunos e alunas. Entre a conscientização e a instrumentalização, opta pela última. Mas ela não se mostra ideologicamente convicta dessa opção, que é também fortemente determinada pela experiência e a situação concretas de sala de aula dessa professora. Por isso, seu discurso surge em meio ao conflito e à contradição. O mesmo se passa quando diz que “ouviu dizer” que a globalização massacra os países “subdesenvolvidos”, apesar de achá-la “fantástica”. Ela se coloca assim entre dois discursos conflitantes: o da exaltação da globalização e o que lhe adverte dos danos que ela pode causar. Mais uma vez, Sônia dá preferência ao discurso hegemônico, mas não sem antes dar vazão ao seu dilema: o discurso contra-hegemônico também está presente em sua fala.

Sônia adota também uma estratégia discursiva ao transferir a terceiros a responsabilidade pela ausência de uma discussão política mais aprofundada nas aulas de inglês. Primeiramente, ela faz essa transferência para os(as) colegas, ao usar a primeira pessoa do plural quando se refere à metodologia utilizada na escola (“nós não batemos muito nesse ponto”). Entretanto, usa a primeira pessoa do singular quando diz “Acho que deveria ser batido”, como que se justificando por não adotar outra metodologia. Em seguida, a transferência é feita aos alunos e alunas. Para a entrevistada, são eles que não se interessam por um ensino politizado do inglês, devido em parte ao tipo de aluno(a) atendido(a) pela escola, que vem de um meio em que as condições de vida são “muito ruins”, como ela já havia afirmado anteriormente na entrevista. Sônia, portanto, se isenta discursivamente da responsabilidade, provocando um deslocamento de culpabilidade.

A fala de Sônia levanta alguns pontos que também são abordados por outros entrevistados e que serão analisados neste trabalho. O primeiro deles se refere à dupla face da globalização: uma prejudicial e outra benéfica. O segundo mostra que a “facilidade e a praticidade” do inglês são a razão principal de sua expansão, posição que, como se viu, não é a defendida por Sônia.

As suposições em torno da praticidade de uso da língua inglesa, da simplicidade de sua estrutura e da facilidade para seu aprendizado estão entre os argumentos utilizados para justificar sua expansão a partir do século XIX, conforme já procurei discutir em outro trabalho (Zacchi, 2005). Devido a esses atributos, o inglês estaria em vantagem quando comparado com outras línguas, o que facilitaria sua inserção em diversas comunidades ao redor do mundo. Nesse caso, essa “fácil” aceitação do inglês estaria vinculada a aspectos puramente estruturais e lingüísticos. Bryson (1990, p. 13-19) lista alguns deles: um rico vocabulário e uma vasta gama de sinônimos; flexibilidade; simplicidade de grafia e

pronúncia; concisão. Os falantes de outras línguas estariam, então, em franca desvantagem, já que o inglês seria uma língua com tonalidades de distinção mais variadas – devido ao seu “rico” vocabulário – e que permite maior liberdade aos seus falantes.

Pennycook (1998, p. 146) observa que há algumas contradições nos discursos que defendem as vantagens do inglês. Com efeito, ele questiona: “por que por um lado é bom ter um vocabulário supostamente vasto e complexo e por outro uma gramática simples?”. Assim, seria igualmente válido (e igualmente problemático) argumentar que uma gramática complexa é sinal de raciocínio complexo e, portanto, mais desenvolvido. Para ele, no entanto, o que está em jogo não são essas aparentes contradições, já que não existe uma lógica subjacente ao argumento de que o inglês tem um vocabulário mais vasto ou uma gramática mais simples do que outras línguas. O que está em jogo é que qualquer evidência ou diferença pode ser válida para apoiar o argumento de que o inglês é uma língua superior. Em que está implícita a idéia de que

A disseminação do inglês não é portanto resultado de aspectos políticos ou econômicos, mas da simplicidade do inglês. Por um lado, então, o inglês é uma língua mais rica e mais complexa que qualquer outra, uma língua que permite representações melhores e mais precisas do mundo. Por outro lado, é uma língua simples e clara, mais fácil de se aprender do que qualquer outra. (Pennycook, 1998, p. 146-147)

Solange, uma das professoras entrevistadas, reconhece que o fato de os Estados Unidos serem uma potência mundial é relevante para a posição que ocupa o inglês, mas é sua “praticidade” que o torna a língua franca internacional atualmente. Da mesma forma, acredita que a globalização é uma coisa boa e que o inglês é sua língua natural:

### **Segmento 3**

SOLANGE – Porque o inglês, né, assim, ele já dominou, né. E assim, antes tinha o francês, né, depois foi, acho que devido à complexidade do francês, né, o inglês passou à frente. Então o inglês é uma língua superprática. Você vê assim quantos termos que a gente usa no português / e (?) inglês porque ele tem uma só palavra só para designar aquilo. Você vê assim não só em // assim no comércio, né, em tudo assim hoje, até / as músicas, as pessoas estão usando o inglês.

E – [...] Mas o que você acha assim da / própria globalização em si, né, e o próprio papel do inglês também nessa globalização? O que que você acha desse processo?

SOLANGE – [...] Em parte eu acho que é uma coisa boa, né, porque as pessoas ficam, mais interligadas. E / você perguntou do inglês, né?

E – É, do inglês, como (?)?

SOLANGE – É, por que de onde que está partindo, né, essa globalização? Acho que não tem por onde não ser a língua da globalização, né. Para mim, assim, o que eu vejo, né, o inglês e globalização, / não tem assim outra língua.

Em suma, o inglês e a globalização mantêm uma relação natural, porque ambos têm a mesma origem: os Estados Unidos. No entanto, ela deixa de abordar os aspectos políticos,

históricos e ideológicos dessa relação. Solange está mais propensa a absorver e enunciar, sem questionamentos, o discurso hegemônico presente no texto de Crystal.

César é outro entrevistado que também acredita que a estrutura lingüística supostamente mais simples do inglês favorece sua influência no mundo. Por outro lado, ele afirma que o texto de Crystal acima coloca o inglês como algo já presente, algo imposto, sem qualquer menção à ação e crítica diante da posição ocupada pela língua. Mesmo assim, sua opinião a respeito da relação entre inglês e globalização é dúbia:

#### **Segmento 4**

E – E você acha, nesse caso, que o inglês, ele é naturalmente a língua da globalização?

CÉSAR – Acho. Acho.

E – Você acha que isso é natural, ou que também é imposto, sei lá.

CÉSAR – Acho que foi um processo natural, que foi acontecendo naturalmente. / Aconteceu naturalmente por dominação, né, por questões políticas e foi se espalhando nas questões lingüísticas, né. Como era a França no passado, mas não / eu acho / com essa proporção que é o inglês hoje em dia. [...] Eu acho que é naturalmente hoje em dia por causa dessas questões do passado que nós já tivemos, né, então se tornou naturalmente essa língua da globalização.

O entrevistado vê também uma motivação política e histórica por trás da posição hegemônica do inglês no mundo, embora ele não seja muito claro a esse respeito. A contradição também está presente em seu discurso, já que fica difícil conceber que um processo que se dá por dominação possa também se desenvolver naturalmente. Assim, o entrevistado não se resolve entre o discurso da expansão natural do inglês e o da sua imposição por questões históricas e políticas. Isso se configura num dilema cujo resultado é um discurso contraditório, que não permite perceber com clareza que posição o entrevistado está de fato defendendo.

Outra entrevistada, Rosana, retoma as duas visões de globalização apresentadas acima. Para ela, a descrição do papel desempenhado pelo inglês no texto de Crystal “é a própria globalização”. Mas ela não deixa de ver aspectos negativos nesse processo:

#### **Segmento 5**

E – Que que você acha disso, né, da globalização em si, / dos efeitos?

ROSANA – Olha, os efeitos às vezes são maléficos, sim, cruéis demais, sabe. Você vê a situação que está passando a Argentina, né, tem muito a ver com neoliberalismo e globalização. Porque esse negócio de o cara espirra lá na Ásia e a bolsa cai no Brasil, né. Então, eu falo, isso é efeito de globalização. Hoje em dia qualquer coisa que aconteça em qualquer país do mundo mais longínquo que seja, pelo efeito da globalização é capaz de um país quebrar de um dia para o outro. Você vê o que que a gente tem pago, a conta que a gente tem pago desde que começou esse processo todo. [...] A única coisa que eu acho interessante na globalização (?) esse intercâmbio cultural, né. É essa comunicação, de você ter acesso às coisas que acontecem lá, né, tão imediatamente. Mas há aspectos que

são muito cruéis, principalmente com a gente, porque eles têm tudo a ganhar e a gente tem tudo a perder. [...]

Fazendo-se uma comparação com a fala de Sônia (segmentos 1 e 2), percebe-se que Rosana está mais convicta dos aspectos negativos que ela vê na globalização, uma vez que Sônia limita-se a afirmar apenas que “ouviu dizer” sobre eles. Mas, da mesma forma que Sônia, Rosana vê também aspectos positivos no processo de globalização, os quais estão situados no âmbito cultural, enquanto que os aspectos negativos dizem respeito mais a questões políticas e, principalmente, econômicas. Essa divisão é semelhante à que Ortiz (1994, p. 29) faz entre globalização, que se refere a processos econômicos e tecnológicos, e mundialização, que se restringe ao âmbito da cultura. Implicitamente, para Rosana, o inglês está relacionado com os aspectos culturais, portanto, positivos, já que essa comunicação, esse “intercâmbio cultural” se tornam possíveis principalmente através de uma língua franca internacional.

Mas a entrevistada não faz alusão ao acesso a bens culturais encontrados em todas as partes do globo, incluindo culturas periféricas. Assim como Solange (segmento 3), ela se refere antes aos bens produzidos “lá”, o suposto centro irradiador de cultura, seja ele os Estados Unidos ou a Europa. De onde são irradiadas também as políticas econômicas que regem o processo de globalização atual, a chamada globalização “de cima para baixo” (Brecher et al., 2000). Em verdade, é com essa globalização que se pode identificar a língua inglesa, já que não há acesso a um vasto leque de bens culturais dos diversos países que a usam. Em geral, a língua inglesa permite acesso quase que exclusivamente à cultura anglo-norte-americana, descartando até mesmo variantes dessa cultura que não estejam inseridas em um certo padrão hegemônico. Esse aspecto contradiz o texto de Crystal, que mostra um cenário idealizado e suntuoso em que o inglês proporciona bem-estar, indiscriminadamente, a todos e em qualquer parte do mundo. Essas questões podem concorrer amplamente para a ocorrência dos dilemas que vêm sendo discutidos até aqui, pois quase tudo o que chega às mãos dos professores e professoras de inglês advém dos Estados Unidos ou Inglaterra, ou é filtrado por eles.

A “facilidade de aprendizagem” da língua inglesa é também para Rosana a grande razão de sua expansão:

### **Segmento 6**

E – Agora, na questão lingüística, você acha que o inglês, ele passa a ser a língua natural da globalização?

ROSANA – Com certeza. Já é, vai continuar a ser, acho que durante muitas décadas. É igual eu te falei, quem será a próxima potência, a China? / Uma coisa é você aprender o inglês, outra coisa é você aprender o chinês, né. Então eu acho que a própria facilidade de aprendizagem. Acredito que seja mesmo, não vejo como, / e outra coisa, por eles terem, pela Inglaterra ter colonizado tantos países ao redor do mundo, / não há como, não vejo como outra, sabe.

São duas, então, as razões que explicam essa “naturalidade” da disseminação da língua inglesa: sua facilidade de aprendizagem e a colonização de países pela Inglaterra. Rosana não questiona os fundamentos ideológicos dessa colonização e, ao concordar com a idéia de que o inglês é a “língua natural da globalização”, remete-nos à afirmação de Crystal de que o inglês “estava no lugar certo, na hora certa” (1998, p. 8). As contradições estão, portanto, também presentes na fala de Rosana. Se, por um lado, ela tem consciência dos efeitos prejudiciais da globalização atualmente em processo, por outro, ela coloca o inglês apenas como mais um efeito desse processo, como se ele não tivesse também sido utilizado ativamente na disseminação da ideologia que está por trás desse fenômeno mundial que é a globalização e também dos processos de colonização anteriores. Dessa maneira, a entrevistada tampouco prevê alguma possibilidade de formulação de discursos contra-hegemônicos no e através do inglês que impliquem também uma visão diferente e alternativa de globalização.

A entrevistada Eliane, por outro lado, ressalta os pontos negativos da globalização e, diferentemente da maioria, não a cita como um elemento de coesão cultural internacional.

### **Segmento 7**

E – Então, quais são as vantagens que você acha de existir uma língua franca internacional?  
ELIANE – (?) união, acho que tudo isso, acho que tinha que haver, / pode não, não devia ter separação. Eu acho que deveria ter assim de repente, ter mais integração, não ter aquela coisa...

E – Integração entre os povos?

ELIANE – Dos povos, sabe. De não ter discriminação. Da gente achar que aquele povo é assim e você criar uma idéia de que aquele povo é desse jeito e ponto final. E quando você vai conhecer não é daquela maneira. Eu acho que uma língua faria as pessoas mais...

E – Uma língua única, principalmente?

ELIANE – Uma língua única seria interessante.

E – [...] E como que você vê, né, a questão da globalização hoje em dia? O que você acha?

ELIANE – Olha, eu acho que muitos são beneficiados e poucos, / (corrigindo) poucos são beneficiados e muitos não. Justamente por isso aí, pela imposição, porque você tem a língua, você sabe você tem condição, o outro não, entendeu. Então às vezes eu acho que / os países que dominam, eles vão estar sempre dominando.

Analisando-se esta última fala de Eliane, pode-se dizer que há nela diversos pontos de resistência ao discurso hegemônico: a globalização é desigual, com apenas um pequeno grupo sendo beneficiado no âmbito internacional; há uma imposição lingüística também geradora de desigualdades no âmbito regional; e há a dicotomia entre países dominantes e dominados. Mesmo assim, existem contradições. Na primeira parte do segmento, Eliane afirma sua crença numa língua franca internacional (“uma língua única”) como fator de integração entre os povos e eliminação da discriminação. No final do segmento, ela se mostra cética quanto a alguma mudança no cenário político internacional. E, na seqüência, coloca o inglês como uma necessidade:

### **Segmento 8**

E – [...] E você acha que, fazendo uma relação entre globalização e esse texto aí, você acha que nesse caso o inglês, ele já é naturalmente a língua da globalização?

ELIANE – Eu acho. Eu acho que é naturalmente porque as pessoas absorveram isso, entendeu.

E – Eles absorveram, / eles absorveram a necessidade assim ou...

ELIANE – Eu acho, é, pela necessidade. / Por exemplo, em todo país, que eu saiba, né, esses países mais, esses países maiores aí, né. Eles têm o inglês desde, / já aprendem já desde novos. Então eles já aprendem na escola, não como a gente aqui no Brasil ainda ensina. Nós ainda temos um acesso muito pequeno ainda, né. Geralmente tem (?) que vai ter que fazer um cursinho, dentro da escola os meninos aprendem ainda, não da forma como deveriam, mas em outros países eles já aprendem como uma segunda língua, né. Então, é colocado como necessidade mesmo, né.

Como na fala de César (segmento 4), que afirma que a adoção do inglês como a língua da globalização “aconteceu naturalmente por dominação”, Eliane também acredita nessa naturalidade, porém motivada por uma necessidade. Assim, em ambas as falas, percebe-se a adoção, pelos entrevistados, de uma estratégia discursiva pela qual eles evitam abordar o problema diretamente e que lhes permite manter-se numa posição não comprometida e não comprometidora. No caso de Eliane, ainda que aponte os problemas da globalização – de uma forma até mesmo crítica –, ela ainda não se sente à vontade para relacionar a disseminação do inglês com questões políticas e ideológicas.

Um passo adiante nesse sentido parece ter sido dado por Hélio. Embora o entrevistado considere “maravilhoso” o fato de existir uma língua “relativamente simples” que permita a interação internacional sugerida no texto de Crystal, ele questiona: por que o inglês? E o que mais pode vir junto? E com relação à globalização, ele não deixa de mencionar as desigualdades que ela provoca.

### **Segmento 9**

HÉLIO – [...] Eu acho que o fato de existir uma língua que possibilite isso, que seja uma língua relativamente simples / e que ela permita / esse acesso tão rápido, essas conexões, essa interatividade tão mais fácil que antigamente, eu acho que é maravilhoso. O único problema é essa questão: por que o inglês, o que que pode vir junto com isso? [...]

E – E, aí, o que que você pensa, né, da questão da globalização como ela está colocada hoje em dia? O que você acha dela?

HÉLIO – Ah, ela tem seus prós e contras. Ela realmente permite essa interação maior entre os povos, mas é à custa de muita coisa ruim, à custa de estar favorecendo realmente quem está ou já esteve no poder. Uma forma mais fácil de aumentar essa diferença, / entre os povos, os países, as economias, principalmente.

E – E você acha que o inglês de alguma forma colabora nisso também?

HÉLIO – ã-hã.

E – / Então, aí, você acha que o inglês é a língua natural da globalização?

HÉLIO – / Eu acho que sim. / Por isso essa necessidade de, toda vez que for se tratar desse assunto, todas as outras significações sejam discutidas, sejam esclarecidas, principalmente, / para os alunos. Que eles consigam / ver os dois lados das coisas.

Na seqüência dessa fala, o entrevistador insiste na última pergunta. Hélio, então, reelabora sua resposta e afirma que o processo que determinou o inglês como língua franca não se deu naturalmente e aponta três fatores que contribuíram para esse processo: o poderio norte-americano, o fato de o inglês ser uma língua simples e também uma certa passividade das pessoas na sua exposição à influência econômica e cultural norte-americana, que resultou na associação do inglês com “beleza, Hollywood e o *american way of life*”.

A voz do entrevistador se faz sentir com mais força nesse segmento. A insistência na última pergunta faz com que o entrevistado reveja seus pontos de vista e reelabore sua resposta, contrariando algumas afirmações anteriores. É possível também que tenha havido uma interpretação dúbia do termo “natural”. Quando Hélio responde a pergunta pela primeira vez, ele pode estar se referindo ao fato de que o inglês já está naturalmente aceito como a língua da globalização, e seria portanto necessário desfazer essa idéia de naturalidade. Não se pode descartar a possibilidade de que os outros entrevistados tenham também interpretado o termo de forma diferente da pretendida pelo entrevistador.

Na fala de Hélio, estão presentes algumas acepções comuns nas falas de quase todos os entrevistados e que foram discutidas acima: os aspectos negativos (políticos e econômicos) e positivos (culturais e tecnológicos) da globalização e a simplicidade da língua inglesa como fator de sua disseminação. Por outro lado, há elementos em sua fala que a diferenciam das anteriores. Em primeiro lugar, ele aponta os aspectos nocivos do processo atual de globalização, sem deixar de mencionar a língua inglesa e a cultura norte-americana como elementos *integrantes* desse processo. Em segundo lugar, e mais importante, pela primeira vez nas falas discutidas até aqui, faz-se alguma menção à sala de aula como local de discussão de questões extrínsecas à língua inglesa, em que se busca, de certa forma, uma espécie de conscientização. Menção, diga-se de passagem, sem a intervenção direta do entrevistador. Conforme exposto no segmento 2, esse assunto foi introduzido na discussão com Sônia, que recusou uma abordagem ideológica do ensino de língua inglesa em favor de uma abordagem utilitária e individualista.

Por essas razões, a fala de Hélio aponta em direção a um discurso contra-hegemônico. E, apesar de suas contradições, o entrevistado vislumbra uma saída para o dilema do(a) professor(a) de inglês, mostrando ser possível explorar em sala de aula os conflitos existentes nos próprios discursos. Sejam eles dos professores e professoras de inglês ou de outras áreas; dos livros didáticos ou teóricos, nacionais ou estrangeiros; da imprensa ou do(a) comerciante que exhibe um nome em inglês em sua loja. O(A) professor(a) pode, assim, levar o(a) aluno(a) a “ver os dois lados das coisas” e, no âmbito da própria interdiscursividade, chegar a um contra-discurso transformador. Isso não quer dizer que o(a) professor(a) vá impor suas crenças. Através do ensino crítico, ele(a) pode provocar um discernimento do(a) aluno(a) para quais aspectos da outra cultura podem lhe ser úteis ou não. Mas não um ensino crítico monológico, doutrinador, e, sim, dialógico, já que

pressupõe que é o(a) aluno(a), mediado(a) pelo(a) professor(a), que irá avaliar por si mesmo(a) os diferentes pontos de vista em debate, pois “o pensamento crítico dialógico inclui um estudo e um exame completo de vários pontos de vista” (Benesch, 1999, p. 576).

Outro professor, Fernando, faz uma série de questionamentos às noções de globalização e língua franca internacional. Para o entrevistado, o inglês exerce, hoje, a função de língua franca por questões históricas e econômicas. Mesmo assim, ele não deixa de mencionar a “facilidade” do inglês em relação a outros idiomas como um fator importante. Mas é na fala seguinte que se percebe todo o seu dilema:

### **Segmento 10**

E – O que que você acha da globalização como ela está posta, né, / aí hoje?

FERNANDO – [...] Quando a gente vê, por exemplo, a idéia da globalização / de que, né, haverá, / as trocas serão mais rápidas, a gente pensa também, né, “que trocas são essas, para quê”? É só por questão econômica, comercial? E / quando a gente pensa em globalização – tem gente que não gosta nem de chamar de globalização, mas de americanização (risos) – mas, // eu acho que, sei lá, na teoria também eu acho que tem algumas coisas boas, quer dizer, as pessoas começam a ter mais contatos e / às vezes eu penso até naquela parte prática: ter mais contato também para quê, sabe? A gente vê, por exemplo, grupos que são tão isolados, tribos mesmo, e de repente tem gente que olha e fala: “nossa, como eles são atrasados”. Eles não são atrasados, eles são, né, / é a vida deles. Mas, aí, a gente pensa naquela parte prática de remédio, de medicamento. Quando eu falo, eu penso até em educação, mas que educação é essa? É para aprender o quê, para quê? / Quando eu penso em globalização, aliás, quando eu ouço falar da globalização (?), inicialmente eu penso realmente nessa coisa mesmo comercial. Inicialmente é o comercial. Agora, se isso vai, / é óbvio que vai, e já está, né, influenciando todas as culturas, / e que que nós vamos tirar de bom nisso eu também não sei.

A fala de Fernando é, talvez, a mais ilustrativa dos dilemas e contradições que esses professores e professoras têm expressado. O entrevistado oscila entre pontos de vista opostos na sua abordagem sobre a globalização, como quando se refere às trocas internacionais. Primeiramente, ele menciona a agilidade nas trocas, para depois questionar: para quê? Em seguida, comenta a facilidade dos contatos pessoais, como algo positivo, para novamente questionar: para quê? Faz o mesmo em relação à educação e, por fim, todo o processo de globalização em si. Mas, apesar das oscilações, são os discursos hegemônicos que estão sendo questionados. Na seqüência dessa fala, ele adota uma postura mais objetiva, afirmando que não existe uma língua natural para a globalização. Se esta é o inglês, é porque os Estados Unidos são os maiores interessados nesse processo.

### **Segmento 11**

E – Você diria, então, que tem uma certa imposição aí?

FERNANDO – Ah, sim. / Eu não sei se talvez essa imposição fosse “nós vamos conquistar o mundo”. Talvez a intenção seja realmente aquela idéia americana de progresso. [...] Para

eles progredirem, eles, óbvio, precisam vender mais e aí a gente pensa também na ideologia, né, porque se eles precisam vender mais eles têm que / convencer. Agora, que é a língua natural, não. De forma nenhuma. Poderia ser qualquer outra, acho que é uma questão histórica.

Se outros entrevistados puderam separar com facilidade os aspectos políticos e econômicos dos culturais e lingüísticos, Fernando se mostra pouco à vontade para fazer essa separação. Assim, o entrevistado afasta qualquer hipótese de que a globalização e, por extensão, a expansão da língua inglesa sejam decorrentes de processos naturais nas relações internacionais. Para ele, existe uma ideologia por trás desses acontecimentos, a qual beneficia um único país: os Estados Unidos. Apesar de seus dilemas e das oscilações em seus pontos de vista, Fernando formula um discurso mais próximo do contra-hegemônico, levando-se em consideração seus questionamentos do discurso hegemônico e suas indagações acerca das motivações ideológicas que estão por trás do processo de globalização. A própria noção de ideologia que ele apresenta reforça a concepção de hegemonia discutida no início deste trabalho: o convencimento implica negociação, o que pressupõe a possibilidade de transformação das relações de poder.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da acentuada interdiscursividade, alguns discursos hegemônicos e contra-hegemônicos foram recorrentes nas entrevistas. Entre os hegemônicos, os mais comuns foram, por um lado, os que colocam a praticidade de uso da língua inglesa, a simplicidade de sua estrutura e a facilidade para seu aprendizado como justificativa para sua expansão. E, por outro, os que defendem o ensino do inglês para a comunicação, nas relações tanto pessoais quanto internacionais. No caso das relações pessoais, a vantagem seria um acesso maior a bens, pessoas e informações de todas as partes do mundo, em atividades como viajar, usar a internet ou assistir a um filme. No caso das relações internacionais, a vantagem para os países que fazem uso de uma “língua franca internacional” é possuir um poder de barganha maior e ter acesso a bens como ciência, tecnologia e modernidade. Esse discurso foi enunciado também no sentido de que o inglês pode promover o entendimento e a tolerância entre povos e países. Em ambos os casos, o aspecto cultural da globalização contribui para o acesso a esses bens. Pode se perceber também que boa parte desses discursos está em consonância com o texto de Crystal lido pelos entrevistados.

Cox e Assis-Peterson (1999), em uma pesquisa com professores e professoras de inglês, chegam a conclusões semelhantes. Elas relatam que os sujeitos de sua pesquisa se consideram “agentes altruísticos do bem”, ao preparar os estudantes para uma carreira bem sucedida no mundo internacional, pois, “[s]e o mundo internacional usa o inglês, os estudantes devem estar preparados para se comunicar nessa língua” (p. 442). As autoras concluíram também que “os(as) professores(as) de inglês brasileiros(as) não estão cientes da pedagogia crítica” (p. 448), que se restringe ao mundo acadêmico apenas.

Embora os sujeitos da presente pesquisa não tenham feito menção direta à pedagogia crítica, algumas falas apontam para um ensino crítico do inglês. Outros discursos contra-hegemônicos foram também enunciados, tais como os efeitos prejudiciais da globalização – principalmente econômicos, nas relações entre os países – e a vinculação da expansão do inglês com o poderio e o imperialismo dos Estados Unidos e da Inglaterra. Mas, o mais importante desses discursos se refere ao ensino crítico dialógico do inglês, cuja definição neste trabalho foi baseada na concepção de “pensamento crítico dialógico”, de Gieve (*apud* Benesch, 1999). Através dele, o(a) professor(a) procura mostrar as várias faces de uma mesma questão para que o(a) aluno(a) tenha dela uma visão mais completa e possa perceber as relações de poder envolvidas no processo. É, portanto, no interior da própria interdiscursividade – através dos variados e conflitantes enunciados em interação no meio social em que se dá o processo de ensino, aprendizagem e uso de uma língua estrangeira – que o ensino crítico-dialógico pode cooperar na formulação de contra-discursos transformadores.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (1988). O discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e outros. São Paulo: Unesp/Hucitec. p. 71-210
- BENESCH, S. (1999). Thinking critically, thinking dialogically. *Tesol Quarterly*, v. 33, n. 3, p. 573-580.
- BRASIL. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º. ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF.
- BRECHER, J. et alii. (2000). *Globalization from below: the power of solidarity*. Cambridge: South End Press.
- BRYSON, B. (1990). *The mother tongue: English and how it got that way*. New York: Avon.
- BUSNARDO, J. e BRAGA, D. B. (2000). Language, ideology and teaching towards critique: a look at reading pedagogy in Brazil. *Journal of Pragmatics*, n. 32, p. 1-17.
- COUTINHO, C. N. (1999). *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- COX, M. I. P. e ASSIS-PETERSON, A. A. de. (1999). Critical pedagogy in ELT: images of Brazilian teachers of English. *Tesol Quarterly*, v. 33, n. 3, p. 433-452.
- CRYSTAL, D. (1998). *English as a global language*. Canto edition. Cambridge: CUP.
- GIDDENS, A. (2000). *Runaway world*. New York: Routledge.
- GRAMSCI, A. (2000). *Cadernos do cárcere*. Trad. Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. v. 2.
- GRIGOLETTO, M. (2001). Língua e identidade: representações da língua estrangeira no discurso dos futuros professores de língua inglesa. In: CARMAGNANI, Anna M. e GRIGOLETTO, Marisa (Orgs.). *Inglês como língua estrangeira: identidade, práticas e textualidade*. São Paulo: Humanitas. p. 135-152.

## ZACCHI - Discursos da globalização nas vozes de professores de língua inglesa

---

- HOBBSAWM, E. (2000). *On the edge of the new century*. Ed. Antonio Pollito. Trad. Allan Cameron. New York: The New Press.
- IANNI, O. (1997). *Teorias da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- JAMESON, F. e MYIOSHI, M. (Eds.). (1998). *The cultures of globalization*. Durham: Duke University Press.
- MACHADO, I. A. (1995). *O romance e a voz: a prosaica dialógica de M. Bakhtin*. Rio de Janeiro-São Paulo: Imago-Fapesp.
- ORTIZ, R. (1994). *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- PENNYCOOK, A. (1994). *The cultural politics of English as an international language*. Harlow: Longman.
- \_\_\_\_\_. (1998). *English and the discourses of colonialism*. London: Routledge.
- PHILLIPSON, R. (1992). *Linguistic imperialism*. Oxford: Oxford University Press.
- \_\_\_\_\_. Voice in global English: unheard chords in Crystal loud and clear. *Applied Linguistics*, Oxford, 20/2, p. 265-276, 1999. Resenha.
- SANTOS, M. (2001). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record.
- TAVARES DE JESUS, A. (1985). *A educação como hegemonia no pensamento de Antonio Gramsci*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Filosofia e História da Educação) – Universidade Estadual de Campinas.
- ZACCHI, V. J. (2003). *Discurso, poder e hegemonia: dilemas do professor de língua inglesa*. Campinas. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- \_\_\_\_\_. (2005). A “simplicidade” do inglês como fator de sua disseminação. *Anais do XVI Seminário do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná*. Londrina: bgf.net. 1 CD-ROM.

## ANEXO

Textos apresentados aos professores durante as entrevistas

### Texto 1

[...] a aprendizagem do inglês, tendo em vista o seu papel hegemônico nas trocas internacionais, desde que haja consciência crítica desse fato, pode colaborar na formulação de contra-discursos\* em relação às desigualdades entre países e entre grupos sociais (homens e mulheres, brancos e negros, falantes de línguas hegemônicas e não-hegemônicas etc.). Assim, os indivíduos passam de meros consumidores passivos de cultura e de conhecimento a criadores ativos: o uso de uma Língua Estrangeira é uma forma de agir no mundo para transformá-lo. A ausência dessa consciência crítica no processo de ensino e aprendizagem de inglês, no entanto, influi na manutenção do *status quo* ao invés de cooperar para sua transformação. (PCN – Língua Estrangeira – 3º. e 4º. ciclos do ensino fundamental, p. 39-40)

\*Contra-discursos são práticas sociais de uso da linguagem caracterizadas pela confrontação de práticas discursivas hegemônicas (por exemplo, os contra-discursos dos negros em relação aos discursos dos brancos).

### Texto 2

[...] pessoas do mundo todo, em diversas ocupações, passaram a depender do inglês para seu bem-estar. Essa língua tem penetrado profundamente nas áreas internacionais da vida política, dos negócios, segurança, comunicação, entretenimento, mídia e educação. A conveniência de se ter uma língua franca disponível para servir as relações e as necessidades humanas passou a ser apreciada por milhões [de pessoas]. (David Crystal, *English as a global language*, p. 24-25)

### Texto 3

É claro que nós não temos o poder de impor nossa vontade como antes, mas a influência da Grã-Bretanha permanece, em proporção maior do que seus recursos militares e econômicos. Isso acontece em parte porque o inglês é a língua franca da ciência, tecnologia e comércio; a demanda por ela é insaciável e nós atendemos a essa demanda seja através dos sistemas educacionais de países “anfitriões”, seja numa base comercial quando o mercado suporta. Nossa língua é nosso maior patrimônio, maior do que o petróleo do Mar do Norte, e a oferta é inesgotável; além disso, apesar de não termos um monopólio, nosso produto singular continua extremamente procurado. Fico contente em dizer que aqueles que guiam as fortunas deste país compartilham de minha convicção da necessidade de investir em, e explorar ao máximo, essa dádiva, esse patrimônio invisível. (Relatório Anual do Conselho Britânico de 1983-84, citado em Phillipson, *Linguistic imperialism*, p. 144-145)